

LIVROS

Outro dia eu disse que o livro brasileiro é, geralmente, feio. Apesar dêsse "geralmente", que deixava a porta aberta a todas as exceções, José Olympio ficou zangado e reagiu com desafio, mandou-me dois livros que acaba de editar. Não tenho remédio senão dizer que estão fora daquele "geralmente" êsses três volumes de "Sobrados e Mucambos", segunda edição refundida pelo autor e acrescida de introdução, de cinco capítulos e de numerosas notas. Quem quiser pode discordar à vontade de Gilberto Freyre, mas ninguém, que se interesse pela história social brasileira, poderá deixar de ler êsse livro, com sua montanha de documentos, suas interpretações originais e êsse estilo saboroso, de doce de abóbora com côco, que é marca do mestre pernambucano. O prazer da leitura aumenta com as ilustrações de Lula Cardoso Ayres, Manuel Bandeira, Carlos Leão e do próprio autor.

O outro desafio de José Olympio foi êsse livro em que meu velho "foca" pernambucano, hoje gran-senhor da Bahia, Odorico Tavares, fala das coisas baianas: as festas de Conceição da Praia, Nosso Senhor dos Navegantes, o Terço do Arigofe, o Bonfim, o Reino de Iemanjá, a Lagoa de Abaeté, a fala da cozinha baiana, de Cosme e Damião, das feiras e dos fortes velhos, de Antônio Conselheiro e outros exus. Um livro gostoso, de repórter lírico, mas não repórter que nem eu, que vou passando, tomando nota, mal vendo as coisas, escrevendo depressa: repórter vivendo devagar, ano a ano, o gosto da vida baiana.

Se houvesse turismo no Brasil, êsse livro deveria ser traduzido em várias línguas, para ensinar as pessoas a ir à Bahia. Mas mesmo em português êle atrairá qualquer turista estrangeiro de bom gosto, porque êsses desenhos de Carybé fazem o milagre de ser ao mesmo tempo desenho muito bom como desenho mesmo e ilustrações fiéis, exatas, de um grande amante da Bahia. Já não falo da edição de luxo; mas a edição comum, em papel muito branco, com o nome da Bahia em tinta azul na capa branca, é coisa para dar presente à pessoa que se quer bem; apenas é um presente que resulta caro para quem o recebe, pois o livro dá uma invencível vontade de ir à Bahia, mesmo a quem, como eu, já teve a graça de passar mais de uma vez por lá.

Ganhei ainda de José Olympio, para contar a história toda, um terceiro livro. A capa, de Carlos Thiré, está bonita, o papel é bom, o volume, de 220 páginas, é decente, o preço, de 50 cruzeiros, é o que o editor pode fazer, mas parecerá certamente caro ao leitor, pois, tendo o livro 50 crônicas, sai a um cruzeiro cada uma, o que é alto e (confidencialmente) não vale. E' verdade que são crônicas escolhidas, catadas pelo próprio autor de seus quatro primeiros livros, como se pode ver pela capa e pelo título, que é precisamente "50 Crônicas Escolhidas". E' verdade também que algumas delas são grandes como novelas.

Mas de qualquer modo eu é que não lerei o livro. Que o leia quem ainda aprecia o lero-lero e as lamúrias e gracinhas dêsse sr. Rubem Braga, que chama a si mesmo, volta e meia, de velho Braga. Eu não aguento mais com êsse seu jeito; estou cheio. Quando fico sozinho com êle bocejo de tédio e sobretudo me sinto horrivelmente mal acompanhado.